5
OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Design é capaz de lançar um olhar sobre a constituição do livro didático de língua portuguesa, uma vez que este é um objeto que tem na construção de um sistema gráfico impresso em sua base o ponto de encontro com o seu usuário. Como foi visto anteriormente, cada livro faz uso de elementos visuais de uma forma específica na criação de um projeto que apresente os conteúdos para o leitor. Cada códice possui um sistema que tem como objetivo mostrar ao aluno, em suas páginas, a estrutura do modelo pedagógico escolhido pelo autor/editor. O desenvolvimento de cada um é condicionado pelo conteúdo ali publicado, pela estrutura de organização – sendo estes condicionados pelas competências a serem desenvolvidas e pelo programa escolar a ser aplicado – , pela relação que as formas escolhidas devem manter, concretizando as intenções que motivaram a seleção e organização de conteúdo de forma que seja facilmente apreendida pelo sujeito-leitor, possuindo coesão e coerência, e pelas demandas de um mercado editorial saturado de ofertas e líder na venda de livros no Brasil.

O conteúdo dos livros mostra uma linha mestra com semelhanças que fazem com que tais publicações sejam reconhecidas como um tipo: o livro didático. Uma das semelhanças mais importantes é sua constituição múltipla. Todos os livros apresentam seu conteúdo em torno do trabalho com os chamados textos-base, organizados tematicamente em unidades que compõem o livro. Tais textos trazem fragmentos de outras publicações, realizando a partir do esclarecimento de condições relativas a sua produção – seja o trabalho com as imagens criadas no texto, a partir de figuras de linguagem ou uso de termos, relacionadas a um tempo ou a um lugar, seja um acontecimento narrado, condicionado à estrutura de uma publicação como jornal ou revista, seja a representação de uma forma de enxergar um produto, visto a partir de um anúncio. Sendo assim, é condição básica para a construção do livro didático de língua portuguesa a costura de trechos de diversos outros suportes.

Por vezes, esses trechos são partes de um artigo. Outras vezes, são poemas extraídos de coletâneas. Ora um texto extraído de um jornal, ora a resenha de um filme. De uma forma ou de outra, é com base na seleção e destaque de certos pontos de vista sobre a construção desses trechos que esse

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

tipo de edição didática desenvolve seu conteúdo. Tais trechos, deixando claro serem extraídos de outros suportes, trazem outro valor: realizam a interação entre a coletânea estudada e as formas de usar a linguagem presente no mundo.

Essas inserções que compõem o todo do livro didático de língua portuguesa, são amostras de diversos gêneros discursivos. Estudando os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Português para o 7º ano do ensino fundamental, vemos destacada em seu texto a importância do uso dos gêneros do discurso como objetos a partir dos quais serão desenvolvidas práticas de escrita e leitura. O uso deles como modelos de aplicação da linguagem em voga na sociedade é condição erguida como fundamental na seleção de textos de trabalho, segundo as PCNs. Eles trazem como referência clara na sua abordagem de linguagem e gêneros discursivos as teorias do linguista russo Mikhail Bakhtin, se apropriando de suas idéias em relação a conceitos tais como discurso, enunciado ou mesmo a definição de gêneros. Destacando-os como objetos de ensino a partir dos quais serão desenvolvidas competências que ajudarão o aluno a operar a linguagem da melhor forma, levando em conta o meio para sua produção textual e o público de tal discurso. A partir deles, espera-se que o jovem ganhe a capacidade de expressar-se com mais consciência, pensando sua comunicação como um projeto com condições específicas a cada momento. Com o uso do gênero, portanto, pretende-se resolver a questão relativa à contextualização do uso dos elementos da língua, levando o aluno a articular as palavras, produzindo diferentes sentidos em diferentes situações de interlocução oral ou escrita, junto a um público específico, escolhendo para tal os recursos expressivos adequados. O desenvolvimento de competências deve visar à capacitação para o uso da linguagem em múltplos campos, conferindo ao sujeito a percepção dos significados usados em dado contexto, sendo leitor/produtor capaz de entender/fazer o uso dos elementos de comunicação não apenas pelo sentido aparente, mas por sua modulação, pelo contexto e pelo propósito.

Desta forma, vemos a importância do gênero discursivo como ponto de estudo. Considerado elemento constitutivo do discurso, funcionando como como objeto de desenvolvimento de competências, o gênero é visto como elemento fundamental da linguagem em uso. Em primeiro plano, ao aparecer relacionado como elemento da linguagem, ele parece relacionado apenas à comunicação verbal. Mas a forma em que um texto aparece não traz elementos que nos ajudam a dar determinado valor ao uso de uma palavra? Parte do contexto de uso dos gêneros passa por sua aplicação em um suporte em circulação na sociedade. Vendo assim, como poderíamos criar uma ordem de importância de uma palavra

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

presente no título de um artigo jornalístico e numa legenda de uma foto? Pelas inserções dos gêneros discursivos nos livros didáticos pesquisados, vemos que não apenas os elementos textuais trazem dados para a significação: a linguagem visual traz elementos que auxiliam na contextualização e na significação dos textos ali impressos.

Em seus estudos sobre os esquemas de comunicação utilizados na sociedade, Mikhail Bakhtin desenvolveu teorias baseadas em conceitos como o dialogismo, a polifonia e a heteroglossia. Entendendo a produção de sentidos como algo que ocorre na interação, no meio social e não especificamente no receptor ou no emissor, o linguista russo vê em cada meio social a possibilidade de erguer repertórios próprios, aumentando assim a capacidade de expressão pela linguagem. Em sua filosofia da linguagem, os gêneros do discurso passam a ser módulos formais a partir dos quais o indivíduo estrutura seus enunciados. Dessa forma, os gêneros perdem seu caráter de categorização, onde as obras se encaixam, e ganham o valor de forma que constitui o discurso, gerando, no entrecruzamento e no uso, novos gêneros.

Numa contemporaneidade marcada por produtos culturais multimidiáticos, cruzamentos textuais entre diferentes meios de produção, o entendimento da dinâmica dos gêneros no seu uso e na mescla com outros traz condições para a compreensão das mensagens construídas no cenário cultural atual. Enxergando no designer um profissional produtor de discursos, mostra-se fundamental para a prática o conhecimento de uma teoria de gêneros. Tal ferramental merece destaque também como uma plataforma possível para a compreensão e análise da inserção de seus produtos no cenário da atualidade.

O objetivo do presente capítulo portanto é promover uma análise dos elementos-chave das formulações bakhtinianas pertinentes à prática do designer e a forma como as amostras dos gêneros discursivos vêm aparecendo nas páginas do objeto de estudo, relacionando a definição de gênero à linguagem visual. Além disso, pretendemos promover um cruzamento entre esses conceitos e teorias do Design, destacando aí o papel do profissional da área como um produtor de discursos. Partindo do exame de alguns objetos, explicitamos os valores pertinentes à análise da produção de Design e como sua releitura pode enriquecer o pensamento projetual. Por esse prisma, conceitos surgidos do uso da linguagem na interação social podem agregar elementos para uma prática consciente e um novo entendimento ou reavaliação do posicionamento do projetista em relação ao seu processo, ao produto gerado e ao contexto em que ele será usado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

5.1
Construção bakhtiniana

O designer produz artefatos que se inserem no tecido social, criando categorias. Suas criações ganham relevância no uso pelo homem, gerando novos valores na interação com outros objetos. No desenvolvimento de seu trabalho, ele conjuga elementos simbólicos da comunidade à qual visa atingir, os decodificando e reorganizando na forma de diferentes discursos. Desta forma, propõe novas significações para as unidades conjugadas. Pode-se dizer, portanto, que se trata de um profissional capacitado a usar linguagens e gerar enunciações a cada produção.

Os conceitos desenvolvidos em produtos recebem sentido no uso social, sendo aí atribuídos a eles funções e valores. As tecnologias avançam e as técnicas de produção se aprimoram, criando novas possibilidades de manipular matéria e informação. Embora tais avanços tornem gerações inteiras de artefatos obsoletas, por vezes vemos produtos aparentemente ultrapassados receberem novos usos, ressignificando-se e mudando seu posicionamento e atribuições junto aos grupos sociais.

Dessa maneira, transitando entre campos diversos na constituição de seus projetos e lidando com a contínua transformação das práticas, o designer tem no seu trabalho um viés histórico fundamental. Ao gerar elementos que se integrarão à malha cultural, ele entende que, ao interagir com outros objetos, seu trabalho se modificará pelas relações firmadas. Por esses fatores, mostra-se importante mapear o campo de possibilidades de sua produção, compreendendo que seu trabalho não é eterno, mas tem uma vida e deve abrir oportunidades de interação com o homem. Cabe dizer que mapear a dinâmica significativa de um artefato no tempo não garante uma única apreensão dele pelo usuário, mas a atenção às possibilidades que se abrem no desenvolvimento de cada projeto.

5.2
Usos da linguagem

Um dos elementos mais importantes trazidos por Bakhtin em sua visão relativa à comunicação humana talvez seja seu entendimento de que as formas significativas se alteram no uso e no tempo. Presente em toda sua obra, o conceito de que os signos são ressignificados na interação traz a dinâmica como elemento fundamental. Para o lingüista russo as formas e usos não são definitivos, mas móveis e múltiplos, ganhando novos sentidos em sua utilização pelos diversos grupos sociais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

> "Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso (da linguagem) sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana..." (Bakhtin, 1992)

Em seu método de abordagem da comunicação social, é feita a diferenciação entre língua e linguagem. Enquanto a primeira é vista como código, a segunda é eleita como objeto de trabalho principal, sendo esta considerada o código em uso pelo homem. Deste modo, Bakhtin concentra seus estudos na expressão humana e na construção feita através de signos na interação social.

Na concepção bakhtiniana, no entanto, o tempo não é um fator de indeterminação, mas um plano onde a linguagem e a produção de sentidos se vê inserida. Englobando em suas formulações o entendimento de que as formas são polissêmicas e alteram-se no uso e no tempo, Bakhtin trabalha exclusivamente com as relações.

O tempo, no entanto, não é o único valor em cima do qual se contrói sua teoria. O posicionamento também é fundamental tanto para a criação expressiva por quem comunica quanto para a compreensão de mensagens. O lugar de onde se diz mostra um ponto de vista em relação ao objeto do discurso.

> "A concepção do ato dialógico como evento, que ocorre como deteminação de um espaço-tempo, é uma elaboração central do pensamento bakhtiniano no sentido de firmar o dialogismo como ciência das relações." (Machado, 1996)

Através da lei do posicionamento, Bakhtin trabalha com a determinação e relatividade no discurso. Entendido concretamente, ao posicionar-se em um ponto no espaço, o indivíduo tem um determinado campo de visão do cenário. Esse determinado ponto de vista é o lugar de onde o indivíduo pode comunicar o que compreende e a partir do qual seus interatores podem compreender suas construções. É pela soma de diversos pontos de vista na relação social que construímos uma abordagem complexa dos assuntos.

Pode-se ver um paralelo concreto no mundo físico. O posicionamento em relação a um objeto delimita as referências espaciais a partir dos quais um indivíduo o define sensorialmente. Vê-se uma face do objeto, mas constrói-se o todo por visões anteriores, por relação com objetos semelhantes ou por descrições – imagéticas, textuais ou orais – que ilustram outros ângulos. Irene Machado explicita a relação entre a questão de ponto de vista no mundo físico e no mundo dos signos:

> "No mundo dos objetos, o posicionamento define e delimita as referências espaciais, que são suficientes para garantir a relatividade com relação aos corpos físicos. No mundo dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

> signos, onde se situa a linguagem, as especificações são apenas indicativas: aquilo que está além do campo de visão também potencializa significados." (Machado, 1996)

Tratando a linguagem como um sistema dialógico de signos, ele vê como elemento central da comunicação a interação, onde a produção de sentidos se faz possível, tanto para quem constrói quanto para quem recebe uma mensagem. A construção de uma mensagem baseia-se nas significações adquiridas pelo uso dos signos nos meios em que o indivíduo está. Da mesma forma, a escolha e uso das formas obedece a uma determinação do que se quer dizer e para quem se quer dizer.

Quem emite faz uso do repertório, buscando endereçar ao ouvinte um enunciado idealizado, trazendo aí, tanto os valores significativos compreendidos quanto os valores que acha que ele deve compreender. Assim, tudo que é comunicado traz vozes de outros – de onde o repertório é construído – e constitui uma mensagem única no tempo através da concatenação de influências diversas. Por essa visão, a comunicação é um ciclo interminável, que alimenta os indivíduos e é alimentado a cada construção.

Na interação em sociedade, toda formulação é uma resposta a outra formulação. Não apenas pela acepção mais aceita, em que realmente se responde a algum estímulo direto, mas porque sempre se constrói um enunciado tendo em vista pontos refutados, questionados, com os quais concorda-se ou os quais retoma-se. Nenhuma comunicação é inerte, partindo da ausência absoluta de substância, mesmo a que quebra o silêncio absoluto. Tudo é reação a alguma forma de contato.

É justo aferir, pelos conceitos estabelecidos anteriormente, que cada campo de conhecimento ou de atividade humana constrói suas formas de expressão de uma forma específica e imprime seu ponto de vista na reordenação de signos. A multiplicidade de campos cria novas acepções para termos partindo de um entendimento básico comum, apropriando-se e revalorizando o léxico. Assim, um discurso é constituído pelas formas significativas, pelos modos de organização textual, por signos, todos estabelecendo um valor único obtido da composição dos valores vindos da diversidade de vozes no texto.

5.3
Do enunciado ao gênero

A construção bakhtiniana baseia-se em posicionamento, temporalidade, interação social na construção comunicativa e multiplicidade de usos dos signos. Ainda que tenha tratado dos pontos em que se ancora sua teoria, um ponto permanece

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

obscuro. Foi destacado o lugar em que sua concepção se estabelece a partir dos conceitos mais pertinentes, mas fica a questão: em que termos são aplicadas suas teorias na comunicação diária?

Se sabemos que estabelece o dialogismo como ciência das relações, como Bakhtin trata as formas pelas quais a interação acontece? Posto que tudo que comunicamos responde a algo anterior, falta tratar como construimos essa resposta. Visto que formamos nossa visão das formas através da influência de outras "vozes", como fazemos uso então de tal influência na interação diária?

Tais perguntas introduzem os pontos em torno dos quais Bakhtin estrutura a parte mais aplicada de seus estudos: o discurso, os enunciados e os gêneros. Os três termos se vêem relacionados num sistema expressivo que insere-se na estrutura dialógica bakhtiniana. Através desses módulos torna-se palpável o uso expressivo das concepções abstratas em sua teoria.

Para Bakhtin, as mensagens são construídas a partir de signos. A forma como tais signos são usados destaca algumas apreensões, agregando ao texto um dado valor que influenciará na acepção do próximo signo utilizado. Esta organização se dá na sentença por formas que não trazem apenas a significação lexical do termo usado, mas sim o entendimento de uma contextualização no uso do termo. Desta forma, imagens são criadas a partir de textos, possibilitando uma míriade de leituras a uma mensagem e estimulando uma certa resposta do interator.

O discurso formulado pelo falante constitui a concatenação de modos de comunicar com um propósito. Assim, cada construção tem um objetivo a atingir. Mas para atingi-lo, deve-se planejar, criar um projeto compreendendo a escolha e a ordenação do repertório a ser usado, de forma que seja inteligível pelo público. Neste momento, pensa-se no lugar de onde se fala e no lugar para onde se dirige. O discurso é composto por diversas unidades denominadas enunciados.

O ser humano comunica-se através de enunciados onde constrói as unidades significativas com o propósito de exprimir um conteúdo. Cada enunciado é único, criado com um objetivo dentro de uma interação verbal. Ele traz em si as escolhas de signos e de usos apreendidas em nossa comunicação diária. Aqui os signos são ordenados diante de um projeto e a própria forma do enunciado pode trazer valores contextuais significativos para a apreensão do que se quer comunicar.

> "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana." (Bakhtin, 1992)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

Dessa forma, a repetição de formas de organização e uso tipifica um enunciado, agrupando-o segundo valores semelhantes. Tais valores passam a ser trazidos já na forma em que se estabelece a sentença. Assim, mesmo que sejam variados em seu conteúdo textual, cumprimentos têm uma similitude que faz com que possa ser agrupado num gênero. Num discurso, quando se quer explicar uma situação que pede a narração de um diálogo, é preciso apenas acessar essa forma que qualifica uma sentença como cumprimento para abrir mão de uma extensa contextualização para a simples tradução de um "bom dia".

> "Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso" (Bakhtin, 1992)

Para Bakhtin, esses gêneros discursivos são módulos formais em que se estruturam a comunicação. Os gêneros têm como elemento de agrupamento os conteúdos temáticos, o estilo e sua construção composicional. Dessa forma, partilham as condições em que são empregados dentro de um texto, a estética e o uso.

> "Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional." (Bakhtin, 1992)

Na sistemática bakhtiniana, os gêneros do discurso podem ser classificados em primários e secundários. Os gêneros primários são unidades mais simples da expressão, menos elaboradas, de significação direta, e se formatam em condições de comunicação discursiva imediata. Os gêneros secundários, por outro lado, surgem de um convívio cultural mais complexos e com fins menos imediatos. São romances ou pesquisas científicas, por exemplo, que produzem um discurso mais elaborado, conceitual. Eles incorporam e reelaboram em sua construção os gêneros primários, tirando destes o vínculo direto com o concreto e transportando suas qualidades para uma nova realidade construída.

Em termos gerais, o discurso, para o lingüista russo, baseia-se no uso dessas formas, mas estas não são estáticas. Quando elas são utilizadas, tem-se em vista certos valores que planeja-se empregar, mas seu emprego num discurso agrega novos sentidos àquela unidade. Desta maneira, o gênero é utilizado por suas acepções gerais, mas ganha, a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

cada nova utilização dentro de um texto, novas capacidades significativas.

5.4
Por que Bakhtin?

O gênero do discurso para Bakhtin traz uma vida consigo. Ao escolher para compor um discurso, o sujeito o faz baseado em sua história, nos valores que carrega. No entanto, em sua interação dentro de um complexo textual com outras formas de comunicação, outros gêneros, tal peça recebe novos valores. Dessa forma, por seu uso interacional, ele muda sua composição e sua significação, ganhando novas possibilidades de fruição, ou mesmo gerando um novo tipo.

Nesse sentido, o gênero discursivo, pelo entendimento aqui exposto, possui unidade (que o qualifica como um grupo) e continuidade (pois no uso vai sendo ressignificado e moldado). O gênero portanto é algo interativo e dinâmico, não estático. Não é nele que as comunicações devem se encaixar, mas é ele, sim, que deve ser posto a serviço da composição de enunciações.

Por essa visão, a combinatória é uma característica fundamental do uso das unidades, tornando-as um padrão que deve ser utilizado de forma livre com o propósito da construção comunicacional e que, pelo uso, deve ser alterado. Muitas vezes, tal é a alteração nas formas como é utilizado – motivada pelo meio em que a mensagem é construída ou pelos novos objetivos comunicacionais desenvolvidos na maior interação entre campos da atividade humana – que novos gêneros são gerados sem que ocorra, no entanto, uma substituição linear, mas sim uma mudança de uso ou de valor em relação ao gênero original.

As visões de Bakhtin apropriam-se de valores que, para efeito desta pesquisa, são fundamentais na prática do Design. A dinâmica de usos proposta alinha a idéia de projeto e propósito na constituição de um enunciado. Tal proposta traz consigo o uso das ferramentas e tecnologia disponíveis (os gêneros, tal como estão no momento, servindo para que o ouvinte identifique os tipos de atividades simbólicas, emocionais, intelectuais e críticas necessárias para reconhecer os tipos de jogos em ação) para a criação de uma mensagem que permitirá na sua constituição um "salto tecnológico", a revalorização das peças utilizadas. Esse "salto" possibilita novas remissões e usos para o desenvolvedor de uma nova mensagem.

Mostra-se interessante também para o campo, a construção por signos proposta pelo lingüista russo. Ele trata constantemente da multiplicidade de visões sobre um mesmo ponto. A contextualização da polissemia dos objetos é algo fundamental para o entendimento do processo de trabalho do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

designer, uma vez que este dialoga com diversos campos na constituição de um trabalho – comunicando-se com todos na escala produtiva e para um público que pretende atingir. Numa sociedade em que campos da atividades interagem cada vez mais a partir de sistemas de comunicação mais rápidos, é necessário termos como requisito a variabilidade dos pontos de vista dos diversos grupos sociais e influência que um ponto de vista exerce na constituição geral de um objeto como signo.

5.5
Gêneros discursivos e sua representação visual: relacionando gênero e linguagem visual

Por se tratar do conceito tratado do ponto de vista de um lingüista, o gênero discursivo é um termo que tende a ser associado à tipificação de unidades de comunicação textual. Assim, gênero e linguagem verbal são claramente relacionados por Bakhtin. O exercício com seus estudos de linguagens, utilizando seus conceitos como ferramentas, relacionado com o modo como os gêneros discursivos são empregados em livros didáticos permite a extrapolação de idéia de formatação de modelos à conjugação de elementos textuais e não-textuais. Poderíamos separar o conteúdo textual do modo de composição e da forma na qual os textos aparecem?

O gênero discursivo relacionado à linguagem, segundo o ponto de vista de Bakhtin, é a constituição de módulos formais agrupados segundo a semelhança de conteúdos temáticos, estilo e construção composicional. Ao examinar os gêneros expostos nos livros didáticos analisados, podemos afirmar que sua aplicação não se concentra em manter apenas a integridade textual dos extratos a serem usados. Os fragmentos em muitos casos preocupam-se em trazer a imagem do suporte em sua integralidade, com as frases de um anúncio sendo mostradas em seu uso original ou mesmo com o texto de uma reportagem sendo reproduzido mantendo as configurações gráficas semelhantes ao projeto gráfico do suporte original – mantendo as relações de cores, dimensões, tamanho e forma tipográfica entre os elementos textuais tais como foram pensadas originalmente. Tal preocupação denota que não apenas os elementos textuais, mas o complexo formado por tais elementos associados a outros aspectos não-textuais são pertinentes no tocante à formação de um leitor no contemporaneidade.

Considerando que o gênero, constituido pela repetição de formas e usos de termos, é ferramenta para a construção de enunciados, não seria importante considerar que hoje tais termos não sejam inscritos apenas na esfera da linguagem verbal, mas pertencentes a outros modos de comunicação? As inserções de gêneros nas páginas dos livros didáticos de língua portuguesa mostram que isso já vem sendo pensado.

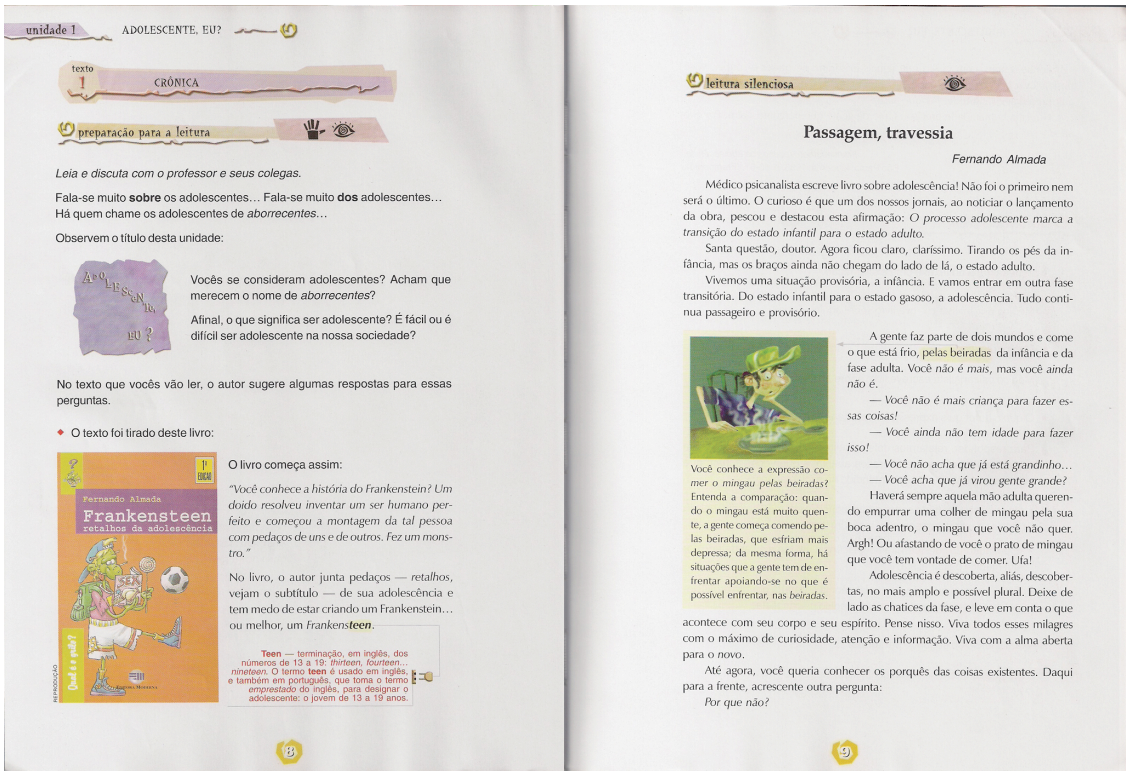
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

Muitas vezes, os elementos visuais trazem características fundamentais para a apreensão das condições de produção de um texto sendo também transpostos para a página da coletânea. A linguagem visual de um objeto traz indicações de como aquele conteúdo textual é pensado e organizado e do objetivo ao qual pretende atingir. A definição dos gêneros discursivos pelos PCNs como objeto eleito para desenvolver habilidades leitoras parece motivada pelo uso outros modos de comunicação para possibilitar a geração de um sujeito que considere os vários elementos comunicativos na produção de sentidos de um texto. Se para Bakhtin, tudo é resposta, a justa contextualização dos conteúdos inseridos incita uma atitude responsiva, realizando a ponte entre o livro didático e o suporte de onde foi extraido tal conteúdo, e demonstrando que, em sua forma, o suporte encerra condições que influem na produção de sentidos dos signos ali aplicados.

A observação dos livros didáticos aqui apresentados nos permitiu ver como os gêneros discursivos – hoje considerados objetos fundamentais no desenvolvimento de competências nos alunos do terceiro ciclo do ensino fundamental e elementos que historicamente compõem o objeto livro didático de língua portuguesa – vêm sendo inseridos nos projetos gráficos. Podemos assim conferir se o transporte desses gêneros vem sendo feito com o cuidado de manter sua integridade comunicacional (agregando valores e dialogando com outras mídias, em vez de parodiá-las e/ou descaracterizá-las). Tal análise nos possibilita pensar o quais seriam as condições formais eleitas como pontos-chave para representação dos gêneros. Como objeto multimodal, recebendo em seu corpo objetos de outras mídias, o livro necessita da elaboração do designer, uma vez que este trabalha com suportes e comunicação visual. O projeto de Design deve possibilitar portanto a integração de objetos, mantendo a integridade comunicacional das partes, assumindo o livro didático, desta forma, sua identidade de "gênero que dialoga e introduz outros gêneros".

O exame dos sistemas trouxe dados para a definição de categorias para a aplicação dos gêneros na coleção didática. Na análise de "Português – uma proposta para o letramento" pudemos identificar dois modos grupos orientados pelas diferentes formas de representar os gêneros discursivos inseridos. Um grupo trazia apenas os elementos textuais, introduzindo na página apenas a reprodução do trecho escrito selecionado. O outro trazia os elementos textuais e não-textuais do suporte original, respeitando as relações dos elementos visuais na configuração gráfica em que aparecem. No primeiro agrupamento estão presentes fragmentos representantes de gêneros como poema, crônica, narrativa, cartas, entre outros. No segundo estão alinhados reportagem, anúncio publicitário, artigos de revistas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA


unidade 1 ADOLESCENTE, EU?

texto 1 CRÔNICA

preparação para a leitura

Leia e discuta com o professor e seus colegas.

Fala-se muito **sobre** os adolescentes... Fala-se muito **dos** adolescentes... Há quem chame os adolescentes de *aborrecentes*...

Observem o título desta unidade:

Vocês se consideram adolescentes? Acham que merecem o nome de *aborrecentes*?

Afinal, o que significa ser adolescente? É fácil ou é difícil ser adolescente na nossa sociedade?

No texto que vocês vão ler, o autor sugere algumas respostas para essas perguntas.

- O texto foi tirado deste livro:

Fernando Almada
Frankensteen
retalhos da adolescência

O livro começa assim:

"Você conhece a história do Frankenstein? Um doido resolveu inventar um ser humano perfeito e começou a montagem da tal pessoa com pedaços de uns e de outros. Fez um monstro."

No livro, o autor junta pedaços — *retalhos*, vejam o subtítulo — de sua adolescência e tem medo de estar criando um Frankenstein... ou melhor, um *Frankensteen*.

Teen — terminação, em inglês, dos números de 13 a 19: *thirteen, fourteen... nineteen*. O termo **teen** é usado em inglês, e também em português, que toma o termo *emprestado* do inglês, para designar o adolescente: o jovem de 13 a 19 anos.

8

leitura silenciosa

Passagem, travessia

Fernando Almada

Médico psicanalista escreve livro sobre adolescência! Não foi o primeiro nem será o último. O curioso é que um dos nossos jornais, ao noticiar o lançamento da obra, pescou e destacou esta afirmação: *O processo adolescente marca a transição do estado infantil para o estado adulto.*

Santa questão, doutor. Agora ficou claro, claríssimo. Tirando os pés da infância, mas os braços ainda não chegam do lado de lá, o estado adulto.

Vivemos uma situação provisória, a infância. E vamos entrar em outra fase transitória. Do estado infantil para o estado gasoso, a adolescência. Tudo continua passageiro e provisório.

Você conhece a expressão *comer o mingau pelas beiradas*? Entenda a comparação: quando o mingau está muito quente, a gente começa comendo pelas beiradas, que esfriam mais depressa; da mesma forma, há situações que a gente tem de enfrentar apoiando-se no que é possível enfrentar, nas *beiradas*.

A gente faz parte de dois mundos e come o que está frio, pelas beiradas da infância e da fase adulta. Você *não é mais*, mas você *ainda não é*.

— *Você não é mais criança para fazer essas coisas!*

— *Você ainda não tem idade para fazer isso!*

— *Você não acha que já está grandinho...*

— *Você acha que já virou gente grande?*

Haverá sempre aquela mão adulta querendo empurrar uma colher de mingau pela sua boca adentro, o mingau que você não quer. Argh! Ou afastando de você o prato de mingau que você tem vontade de comer. Ufa!

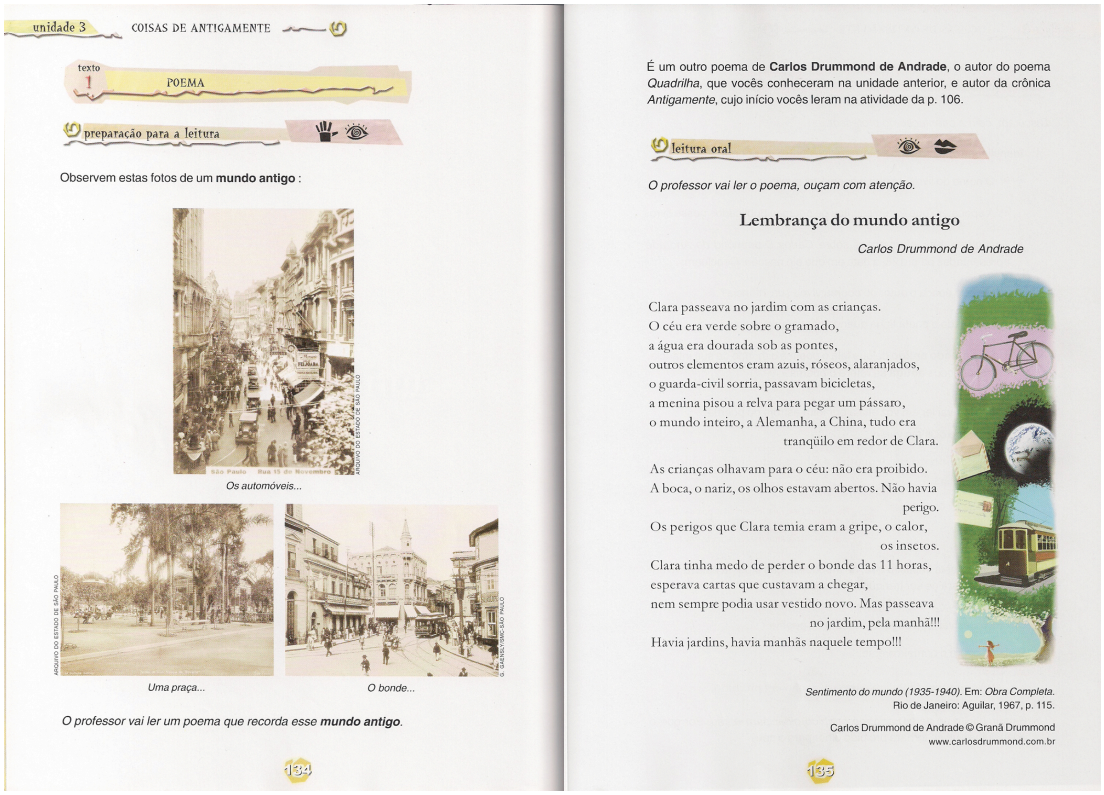
Adolescência é descoberta, aliás, descobertas, no mais amplo e possível plural. Deixe de lado as chatices da fase, e leve em conta o que acontece com seu corpo e seu espírito. Pense nisso. Viva todos esses milagres com o máximo de curiosidade, atenção e informação. Viva com a alma aberta para o *novo*.

Até agora, você queria conhecer os porquês das coisas existentes. Daqui para a frente, acrescente outra pergunta:

Por que não?

9

Figura 63: Inserção do fragmento representativo do gênero Crônica. (Fonte: Português – uma proposta para o letramento)


unidade 3 COISAS DE ANTIGAMENTE

texto 1 POEMA

preparação para a leitura

Observem estas fotos de um **mundo antigo**:

Os automóveis...

Uma praça...

O bonde...

*O professor vai ler um poema que recorda esse **mundo antigo**.*

134

É um outro poema de **Carlos Drummond de Andrade**, o autor do poema *Quadrilha*, que vocês conheceram na unidade anterior, e autor da crônica *Antigamente*, cujo início vocês leram na atividade da p. 106.

leitura oral

O professor vai ler o poema, ouçam com atenção.

Lembrança do mundo antigo

Carlos Drummond de Andrade

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era
tranqüilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia
perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor,
os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava
no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

Sentimento do mundo (1935-1940). Em: *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p. 115.

Carlos Drummond de Andrade © Graná Drummond
www.carlosdrummond.com.br

135

Figura 64: Inserção do fragmento representativo do gênero Poema. (Fonte: Português – uma proposta para o letramento)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

texto 4 REPORTAGEM

preparação para a leitura

Observem esta notícia, identifiquem a data em que foi publicada:

Mulher abandona bebê em Ipanema

Com apenas uma manta para protegê-lo do frio e sem nenhuma identificação, um bebê foi abandonado ontem, por volta de oito horas, na portaria do prédio da Rua Nascimento Silva, 262, Ipanema. O porteiro de um edifício vizinho reparou que uma mulher morena e baixa passou com uma criança no colo e retornou sem ela. Foi ele quem ligou para a 23ª Delegacia Policial. Os cabos Pires e Evandro, que faziam uma ronda por perto, foram até o local e levaram a criança para o Hospital Miguel Couto, na Gávea.

Segundo o médico Adilson de Araújo Silva, chefe da equipe de plantão, o menino chegou bem à pediatria. "É uma criança saudável e parece ter sido bem tratada. Quando chegou aqui só estava com um pouco de fome e frio, mas clinicamente está bem", disse o médico. O garoto pesa cinco quilos e aparenta ter quatro meses.

Durante o tempo que permanecer no hospital, o bebê ficará sob a guarda dos dois policiais. Após os exames, ele foi levado à 23ª DP e, em seguida, encaminhado à Fundação Ronald Duarte, no Flamengo. Em apenas um mês e meio, este é o segundo bebê abandonado no bairro.

Arthur Rios



REPRODUÇÃO

Cabo Pires e a menina que apareceu numa rua de Ipanema

AGÊNCIA MULTIFOTO

Jornal do Brasil, 1º caderno, Rio de Janeiro, 30 jul. 2001, p. 16.

Leiam alguns trechos da notícia:

"Com apenas uma manta para protegê-lo do frio e sem nenhuma identificação, um bebê foi abandonado ontem, por volta de oito horas, na portaria do prédio da Rua ..., Ipanema. [...] O porteiro de um edifício vizinho reparou que uma mulher morena e baixa passou com uma criança no colo e retornou sem ela. [...] Os cabos Pires e Evandro, que faziam uma ronda por perto, foram até o local e levaram a criança para o Hospital Miguel Couto. [...] O garoto pesa cinco quilos e aparenta ter quatro meses. [...] Em apenas um mês e meio, este é o segundo bebê abandonado no bairro."

Este grave problema — o abandono de bebês pelos pais — aconteceu em 2001 e já acontecia antigamente. Mas antigamente, em vez de abandonar os filhos em portarias de prédios, os pais podiam deixá-los em um lugar muito estranho... Vocês vão ler uma matéria de jornal sobre esse lugar, uma *coisa de antigamente*.

Antes de ler a matéria, vejam, nesta cópia reduzida, como ela foi apresentada no jornal:



FOLHA DE S.PAULO quinta-feira, 19 de fevereiro de 1998 Ilustrada 4 ■ 7

MEMÓRIA

'Sou filha de um pecado sem perdão'

Da Reportagem Local

Poucas coisas simbolizam tão bem a infância abandonada do país quanto um cilindro oco, de madeira, que gira em torno do próprio eixo e se encontra no Museu da Santa Casa de Misericórdia (veja foto à direita).

É a roda dos expostos. Ficava encravada em um muro do hospital. O lado aberto se voltava para a rua, e o outro, para o pátio interno da instituição.

Os pais que quisessem abrir mão dos filhos podiam depositá-los no cilindro. Tocavam um sino e giravam a roda. As freiras da Santa Casa pegavam as crianças, sem ver quem as deixara, e as criavam ou encaminhavam para a adoção.

O método funcionou em São Paulo entre 1825 e 1948. Estima-se que 30% dos bebês abandonados morriam logo depois do recolhimento. Rio e Salvador tiveram rodas idênticas, mas instaladas pelo menos um século antes.

Os primeiros cilindros surgiram na Europa para evitar que os enjeitados sofressem ataques de cães e porcos. As religiosas da Santa Casa costumavam registrar em livros todos os bebês que resgatavam. Os volumes ainda estão no museu. Alguns trazem, em anexo, bilhetes ou santinhos que as mães depositavam junto às crianças.

Os escritos mostram que ontem, como hoje, a pobreza motivava a maioria dos abandonos, embora também houvesse muitos casos de rejeição por razões morais.

"Sou filha de um pecado que não tem perdão", dizia o bilhete que acompanhava Maria José em maio de 1922. "Minha mãe repudia-me, mas alguma alma generosa poderá querer saber o meu destino."

O ORFÃOZINHO

"Recebam-me. Chamo-me Antônio. Sou um orfãozinho de pai, porque ele me abandonou, e também minha mãe. Ela é muito boa e me quer muito bem, mas não pode tratar de mim. Estou magrinho assim porque ela não tem leite, é muito pobre, precisa trabalhar. Por isso, ela me pôs aqui para a irmã Úrsula tratar de mim.

Não me entreguem a ninguém porque minha mamãe algum dia vem me buscar. [...] Estou com sapinho e com fome. Minha mamãe não sabe tratar de sapinho e não sabe o que me dar para eu ficar gordinho. Minha mãe também agradece os bons tratos que me derem."

Bilhete que acompanhava o recém-nascido Antônio Moreira de Carvalho, deixado na roda dos expostos em 27 de junho de 1922. O bebê acabou morrendo pouco depois de resgatado pelas freiras da Santa Casa de Misericórdia.

REPRODUÇÃO

Folha de S.Paulo, Folha Ilustrada, São Paulo, 19 fev. 1998, p. 7.

- Observem a foto ao lado da matéria e tentem imaginar: que *coisa de antigamente* é essa?
- Vejam esta palavra no alto da matéria:

MEMÓRIA

Que informação essa palavra dá ao leitor sobre o tema da matéria?

- Observem o título da matéria e levantem hipóteses:
  - Por que o título está entre aspas?
  - Que *pecado sem perdão* será esse a que se refere o título?

leitura silenciosa

MEMÓRIA

'Sou filha de um pecado sem perdão'

da Reportagem Local

Poucas coisas simbolizam tão bem a infância abandonada do país quanto um cilindro oco, de madeira, que gira em torno do próprio eixo e se encontra no Museu da Santa Casa de Misericórdia (veja foto à direita).

É a roda dos expostos. Ficava encravada em um muro do hospital. O lado aberto se voltava para a rua, e o outro, para o pátio interno da instituição.

Os pais que quisessem abrir mão dos filhos podiam depositá-los no cilindro. Tocavam um sino e giravam a roda. As freiras da Santa Casa pegavam as crianças, sem ver quem as deixara, e as criavam ou encaminhavam para a adoção.

O método funcionou em São Paulo entre 1825 e 1948. Estima-se que 30% dos bebês abandonados morriam logo depois do recolhimento. Rio e Salvador tiveram rodas idênticas, mas instaladas pelo menos um século antes.

Os primeiros cilindros surgiram na Europa para evitar que os enjeitados sofressem ataques de cães e porcos. As religiosas da Santa Casa costumavam registrar em livros todos os bebês que resgatavam. Os volumes ainda estão no museu. Alguns trazem, em anexo, bilhetes ou santinhos que as mães depositavam junto às crianças.

Os escritos mostram que ontem, como hoje, a pobreza motivava a maioria dos abandonos, embora também houvesse muitos casos de rejeição por razões morais.

"Sou filha de um pecado que não tem perdão", dizia o bilhete que acompanhava Maria José em maio de 1922. "Minha mãe repudia-me, mas alguma alma generosa poderá querer saber o meu destino."



LEONARDO COUTO/FOLHA IMAGEM

A roda dos expostos, que funcionou em São Paulo entre 1825 e 1948.

O ORFÃOZINHO

"Recebam-me. Chamo-me Antônio. Sou um orfãozinho de pai, porque ele me abandonou, e também minha mãe. Ela é muito boa e me quer muito bem, mas não pode tratar de mim. Estou magrinho assim porque ela não tem leite, é muito pobre, precisa trabalhar. Por isso, ela me pôs aqui para a irmã Úrsula tratar de mim.

Não me entreguem a ninguém porque minha mamãe algum dia vem me buscar. [...] Estou com sapinho e com fome. Minha mamãe não sabe tratar de sapinho e não sabe o que me dar para eu ficar gordinho. Minha mãe também agradece os bons tratos que me derem."

Bilhete que acompanhava o recém-nascido Antônio Moreira de Carvalho, deixado na roda dos expostos em 27 de junho de 1922. O bebê acabou morrendo pouco depois de resgatado pelas freiras da Santa Casa de Misericórdia.

Folha de S.Paulo, Folha Ilustrada, São Paulo, 19 fev. 1998, p. 7.

interpretação escrita

1. Antes de ler o texto, você e seus colegas procuraram explicar o uso da palavra MEMÓRIA no alto da matéria.

   Agora, depois de lido o texto, responda:

   Por que a palavra MEMÓRIA é usada para caracterizar essa reportagem?

2. Explique a denominação *roda dos expostos*:

   a. Por que o mecanismo onde se abandonavam os bebês era chamado de *roda*?

   b. Por que os bebês abandonados eram chamados de *expostos*?

Figura 65: Inserção do fragmento representativo do gênero Reportagem. (Fonte: Português – uma proposta para o letramento)

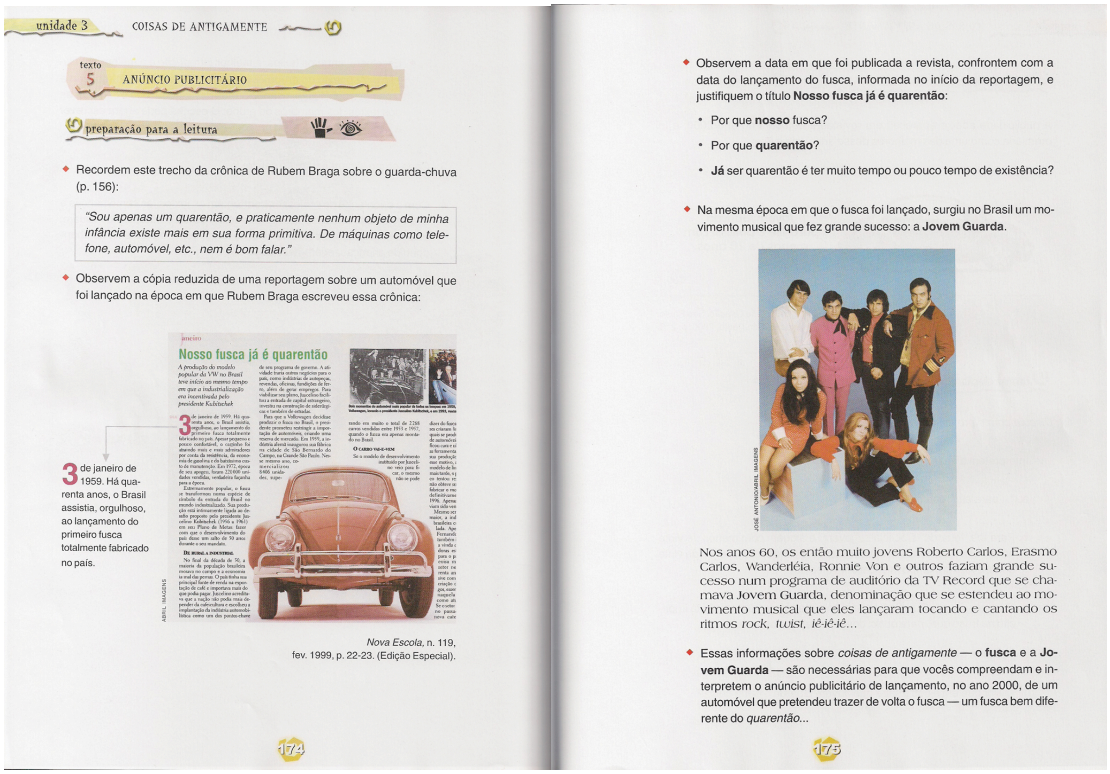


Figura 66: Inserção do fragmento representativo do gênero Anúncio publicitário. (Fonte: Português – uma proposta para o letramento)

Usando as categorias levantadas na segunda análise, podemos definir que a primeira, agrupando os exemplos das figuras 63 e 64, trabalha apenas com elementos verbais do

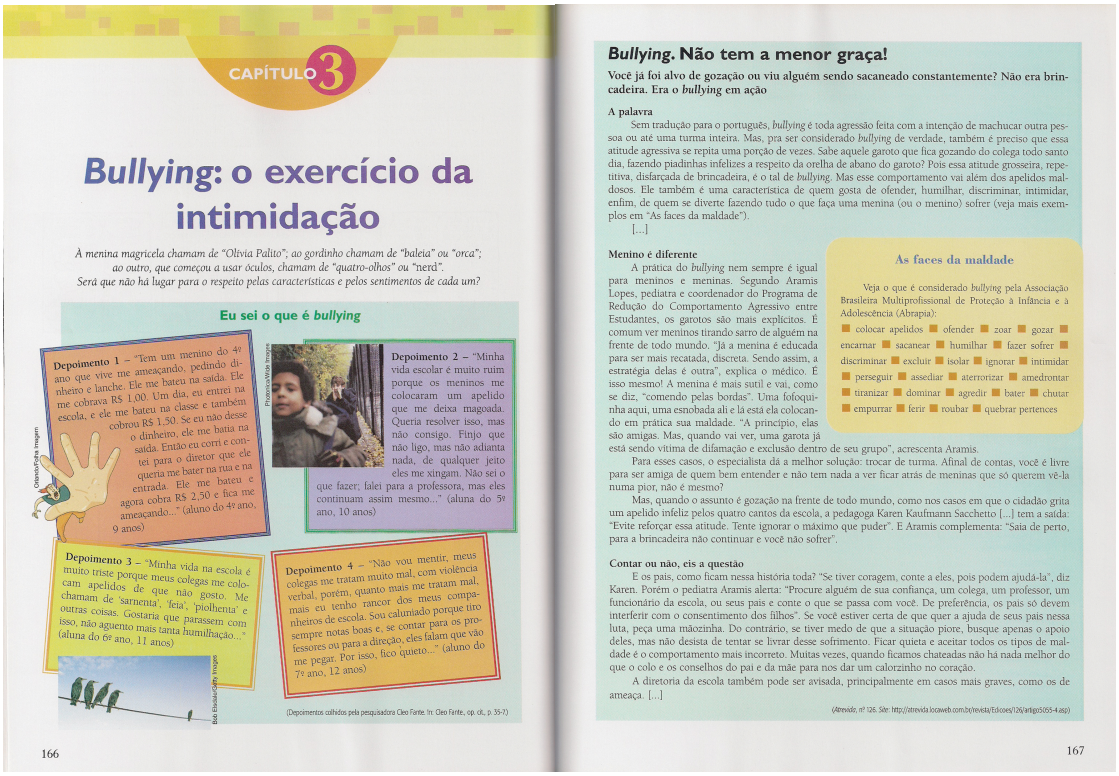
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

texto-base. Assim, a amostra do gênero Crônica e a amostra do gênero Poema centram-se prioritariamente sobre o seu eixo textual, reproduzindo apenas os elementos verbais que formam tal comunicação. A figura 63 traz uma caixa informativa e uma ilustração que se relacionam ao tema tratado no texto. A figura 64 traz, como já foi visto, uma ilustração que compõe a margem direita do poema, preenchendo um vazio, trazendo equilíbrio visual com uma figura relacionada ao tema servindo para fechar visualmente uma forma em torno da unidade de conteúdo. Ainda assim, tais elementos visuais são periféricos, uma vez que os textos aparecem como protagonistas das páginas. As figuras 65 e 66 trazem exemplos da outra categoria. As inserções das amostras de Reportagem e Anúncio publicitário baseiam-se na reprodução de seu conteúdo gráfico num primeiro momento. Tanto o artigo jornalístico quanto o objeto da propaganda estão reproduzidos em sua integridade visual, com os devidos destaques dados aos elementos que serão trabalhados. Na figura 65, a reprodução integral do texto da reportagem traz um projeto gráfico específico que define uma voz diferente atuando ali. Utilizando um grid tipográfico em colunas, com letras esteticamente parecidas e com diferentes tamanhos de corpo, mantendo proporção que define a ordem de importância entre os fragmentos textuais, e trazendo integrada a foto da reportagem, a reprodução prima por transpor as características visuais, agregando aí ao eixo textual os valores relativos ao eixo visual do gênero. A reprodução da *box* da reportagem confirma a importância dada à utilização de elementos que relacionem o extrato a seu corpo de origem, trazendo aos alunos a possibilidade de experimentarem na leitura a influência que certas condições daquele canal trazem à produção textual.

A eleição de elementos do eixo textual ou de elementos do eixo visual guiam as inserções de gêneros discursivos analisadas nas três publicações. O ponto comum a todas é a utilização dos extratos como forma de mostrar aos leitores pontos-chave que condiciona a produção em dado gênero textual. Um sujeito introduzido em práticas leitoras, já pressupõe o que esperar de certas seções de um jornal. Bem como já sabe qual o caderno do jornal reservado ao público infantil. E como ele sabe disso? Ao relacionar os elementos textuais – títulos, manchetes – a elementos visuais – cores usadas, elementos gráficos presentes, fotos que ilustram a seção – ele apreende quais assuntos estão sendo tratados ali. Um caderno esportivo traz imagens de jogos sendo praticados, de atletas famosos, de camisas, bandeiras de clubes ou arenas onde as competições acontecem. Um caderno de informática traz imagens relacionadas ao mundo do computador, trazendo equipamentos, imagens de jogos, anúncios publicitários de lojas de eletrônicos, entre outras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

características. Assim, é parte formadora de certos gêneros discursivos o componente visual que influi, trazendo Bakhtin, os elementos que definem um gênero do discurso – as configurações gráficas definem o estilo de composição de um texto em um dado suporte, conferindo certas características que o modulam, trazendo também elementos que ajudam a definir os conteúdos temáticos e firmando relações que denotam uma constituição composicional específica. Os elementos visuais portanto contribuem na definição de um gênero discursivo agregando a materialidade e configuração gráfica como elementos que influem na forma de abordar cada suporte e de atribuir importâncias às informações dispostas, além de auxiliar na definição de ordens de leitura.



CAPÍTULO 3

Bullying: o exercício da intimidação

À menina magricela chamam de "Olívia Palito"; ao gordinho chamam de "baleia" ou "orca"; ao outro, que começou a usar óculos, chamam de "quatro-olhos" ou "nerd". Será que não há lugar para o respeito pelas características e pelos sentimentos de cada um?

Eu sei o que é *bullying*

Depoimento 1 – "Tem um menino do 4º ano que vive me ameaçando, pedindo dinheiro e lanche. Ele me bateu na saída. Ele me cobrava R$ 1,00. Um dia, eu entrei na escola, e ele me bateu na classe e também cobrou R$ 1,50. Se eu não desse o dinheiro, ele me batia na saída. Então eu corri e contei para o diretor que ele queria me bater na rua e na entrada. Ele me bateu e agora cobra R$ 2,50 e fica me ameaçando..." (aluno do 4º ano, 9 anos)

Depoimento 2 – "Minha vida escolar é muito ruim porque os meninos me colocaram um apelido que me deixa magoada. Queria resolver isso, mas não consigo. Finjo que não ligo, mas não adianta nada, de qualquer jeito eles me xingam. Não sei o que fazer; falei para a professora, mas eles continuam assim mesmo..." (aluna do 5º ano, 10 anos)

Depoimento 3 – "Minha vida na escola é muito triste porque meus colegas me colocam apelidos de que não gosto. Me chamam de 'sarnenta', 'feia', 'piolhenta' e outras coisas. Gostaria que parassem com isso, não aguento mais tanta humilhação..." (aluna do 6º ano, 11 anos)

Depoimento 4 – "Não vou mentir, meus colegas me tratam muito mal, com violência verbal, porém, quanto mais me tratam mal, mais eu tenho rancor dos meus companheiros de escola. Sou caluniado porque tiro sempre notas boas e, se contar para os professores ou para a direção, eles falam que vão me pegar. Por isso, fico quieto..." (aluno do 7º ano, 12 anos)

(Depoimentos colhidos pela pesquisadora Cleo Fante. In: Cleo Fante, op. cit., p. 35-7)

166

Bullying. Não tem a menor graça!

Você já foi alvo de gozação ou viu alguém sendo sacaneado constantemente? Não era brincadeira. Era o *bullying* em ação

A palavra

Sem tradução para o português, *bullying* é toda agressão feita com a intenção de machucar outra pessoa ou até uma turma inteira. Mas, pra ser considerado *bullying* de verdade, também é preciso que essa atitude agressiva se repita uma porção de vezes. Sabe aquele garoto que fica gozando do colega todo santo dia, fazendo piadinhas infelizes a respeito da orelha de abano do garoto? Pois essa atitude grosseira, repetitiva, disfarçada de brincadeira, é o tal de *bullying*. Mas esse comportamento vai além dos apelidos maldosos. Ele também é uma característica de quem gosta de ofender, humilhar, discriminar, intimidar, enfim, de quem se diverte fazendo tudo o que faça uma menina (ou o menino) sofrer (veja mais exemplos em "As faces da maldade").

[...]

Menino é diferente

A prática do *bullying* nem sempre é igual para meninos e meninas. Segundo Aramis Lopes, pediatra e coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, os garotos são mais explícitos. É comum ver meninos tirando sarro de alguém na frente de todo mundo. "Já a menina é educada para ser mais recatada, discreta. Sendo assim, a estratégia delas é outra", explica o médico. É isso mesmo! A menina é mais sutil e vai, como se diz, "comendo pelas bordas". Uma fofoquinha aqui, uma esnobada ali e lá está ela colocando em prática sua maldade. "A princípio, elas são amigas. Mas, quando vai ver, uma garota já está sendo vítima de difamação e exclusão dentro de seu grupo", acrescenta Aramis.

Para esses casos, o especialista dá a melhor solução: trocar de turma. Afinal de contas, você é livre para ser amiga de quem bem entender e não tem nada a ver ficar atrás de meninas que só querem vê-la numa pior, não é mesmo?

Mas, quando o assunto é gozação na frente de todo mundo, como nos casos em que o cidadão grita um apelido infeliz pelos quatro cantos da escola, a pedagoga Karen Kaufmann Sacchetto [...] tem a saída: "Evite reforçar essa atitude. Tente ignorar o máximo que puder". E Aramis complementa: "Saia de perto, para a brincadeira não continuar e você não sofrer".

Contar ou não, eis a questão

E os pais, como ficam nessa história toda? "Se tiver coragem, conte a eles, pois podem ajudá-la", diz Karen. Porém o pediatra Aramis alerta: "Procure alguém de sua confiança, um colega, um professor, um funcionário da escola, ou seus pais e conte o que se passa com você. De preferência, os pais só devem interferir com o consentimento dos filhos". Se você estiver certa de que quer a ajuda de seus pais nessa luta, peça uma mãozinha. Do contrário, se tiver medo de que a situação piore, busque apenas o apoio deles, mas não desista de tentar se livrar desse sofrimento. Ficar quieta e aceitar todos os tipos de maldade é o comportamento mais incorreto. Muitas vezes, quando ficamos chateadas não há nada melhor do que o colo e os conselhos do pai e da mãe para nos dar um calorzinho no coração.

A diretoria da escola também pode ser avisada, principalmente em casos mais graves, como os de ameaça. [...]

(*Atrevida*, nº 126. Site: http://atrevida.locaweb.com.br/revista/Edicoes/126/artigo50155-4.asp)

As faces da maldade

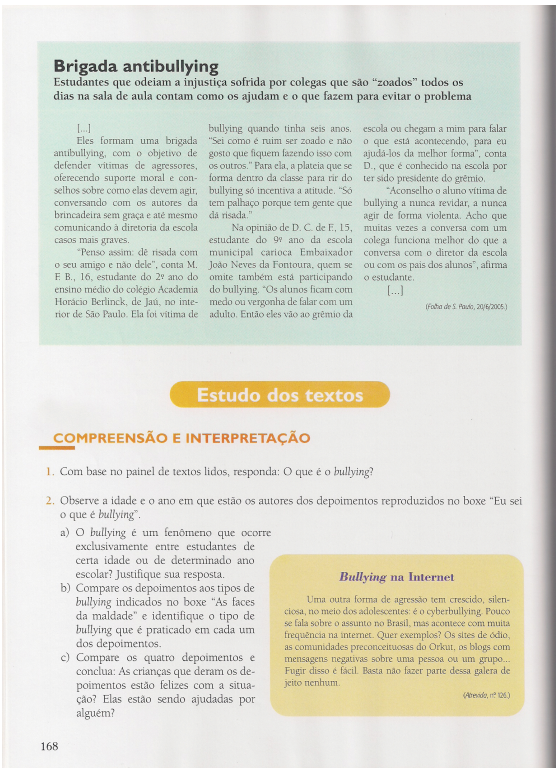
Veja o que é considerado *bullying* pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia):

colocar apelidos ■ ofender ■ zoar ■ gozar ■ encarnar ■ sacanear ■ humilhar ■ fazer sofrer ■ discriminar ■ excluir ■ isolar ■ ignorar ■ intimidar ■ perseguir ■ assediar ■ aterrorizar ■ amedrontar ■ tiranizar ■ dominar ■ agredir ■ bater ■ chutar ■ empurrar ■ ferir ■ roubar ■ quebrar pertences

167

Figura 67: Inserção de artigo de revista. (Fonte: Português Linguagens)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA



Brigada antibullying

Estudantes que odeiam a injustiça sofrida por colegas que são "zoados" todos os dias na sala de aula contam como os ajudam e o que fazem para evitar o problema

[...]
Eles formam uma brigada antibullying, com o objetivo de defender vítimas de agressores, oferecendo suporte moral e conselhos sobre como elas devem agir, conversando com os autores da brincadeira sem graça e até mesmo comunicando à diretoria da escola casos mais graves.

"Penso assim: dê risada com o seu amigo e não dele", conta M. F. B., 16, estudante do 2º ano do ensino médio do colégio Academia Horácio Berlinck, de Jaú, no interior de São Paulo. Ela foi vítima de bullying quando tinha seis anos. "Sei como é ruim ser zoado e não gosto que fiquem fazendo isso com os outros." Para ela, a plateia que se forma dentro da classe para rir do bullying só incentiva a atitude. "Só tem palhaço porque tem gente que dá risada."

Na opinião de D. C. de F., 15, estudante do 9º ano da escola municipal carioca Embaixador João Neves da Fontoura, quem se omite também está participando do bullying. "Os alunos ficam com medo ou vergonha de falar com um adulto. Então eles vão ao grêmio da escola ou chegam a mim para falar o que está acontecendo, para eu ajudá-los da melhor forma", conta D., que é conhecido na escola por ter sido presidente do grêmio.

"Aconselho o aluno vítima de bullying a nunca revidar, a nunca agir de forma violenta. Acho que muitas vezes a conversa com um colega funciona melhor do que a conversa com o diretor da escola ou com os pais dos alunos", afirma o estudante.

[...]

(Folha de S. Paulo, 20/6/2005.)

Estudo dos textos

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

1. Com base no painel de textos lidos, responda: O que é o *bullying*?
2. Observe a idade e o ano em que estão os autores dos depoimentos reproduzidos no boxe "Eu sei o que é *bullying*".
   a) O *bullying* é um fenômeno que ocorre exclusivamente entre estudantes de certa idade ou de determinado ano escolar? Justifique sua resposta.
   b) Compare os depoimentos aos tipos de *bullying* indicados no boxe "As faces da maldade" e identifique o tipo de *bullying* que é praticado em cada um dos depoimentos.
   c) Compare os quatro depoimentos e conclua: As crianças que deram os depoimentos estão felizes com a situação? Elas estão sendo ajudadas por alguém?

***Bullying* na Internet**

Uma outra forma de agressão tem crescido, silenciosa, no meio dos adolescentes: é o cyberbullying. Pouco se fala sobre o assunto no Brasil, mas acontece com muita frequência na internet. Quer exemplos? Os sites de ódio, as comunidades preconceituosas do Orkut, os blogs com mensagens negativas sobre uma pessoa ou um grupo... Fugir disso é fácil. Basta não fazer parte dessa galera de jeito nenhum.

(Atrevida, nº 126.)

168

Figura 68: Inserção de extrato de reportagem jornalística. (Fonte: Português Linguagens)

Nas figuras 67 e 68 temos exemplos de inserção de fragmentos de suportes diferentes no livro "Português Linguagens". São aplicações que aparecem em três páginas em seqüência abrindo uma unidade de conteúdo do livro – o capítulo três da unidade três. O tema tratado é o *bullying*, intimamente relacionado ao ambiente escolar, se tratando de "toda agressão feita com a intenção de machucar outra pessoa ou até a turma inteira" (Revista Atrevida, nº 126, extraído de Português Linguagens p. 167). A apresentação do tema conta na primeira página com a introdução de quatro depoimentos colhidos para uma pesquisa relativos a agressões de tal sorte, sendo seguido de uma reportagem de uma revista voltada para o público adolescente na segunda página e de um fragmento de um artigo de jornal na terceira página. Sendo assim, o conjunto de páginas apresenta a inserção de três gêneros. Há diversos elementos visuais relacionadas nessas amostras, mas não um elementos que traga características visuais dos suportes originais. O fragmento jornalístico apresenta uma composição em três colunas justificadas, remetendo ao projeto gráfico de um jornal, além de trazer título e subtítulo com hierarquias claras fornecidas pelas tipografias usadas e pelas dimensões das letras. Sua aplicação dentro de um quadro com a mesma cor de fundo do extrato anterior, os integra sob um mesmo tema, mas não traz configurações visuais que apresentem o suporte original, sua aplicação original, ainda que haja a utilização de elementos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

visuais – apenas no que tange a reportagem de jornal – que remetam ao suporte do qual foi extraído. Os elementos assim são integrados ao projeto da coleção, trazendo como ponto eleito para o trabalho prioritariamente o conteúdo textual ali impresso, elegendo como pontos-chave as características da linguagem verbal empregada naquela produção textual. Há definição do que é informação inserida e do que é conteúdo da coletânea, mas não há clara definição de onde foram retirados os recortes aplicados.

De um modo geral, nas três edições analisadas, certos gêneros são aplicados em sua integridade sempre. As tiras de quadrinhos e imagens de cartazes publicitários, capas de DVDs, CDs ou livros são aplicadas em sua totalidade, devidamente creditados (figura 69). O primeiro caso é o mais curioso, pois a tira de quadrinhos é um gênero discursivo que tem como destino a integração a diversos suportes, aparecendo em jornais e revistas de qualquer formato e atualmente sendo mesmo enviados por email ou publicados em páginas de internet. Sendo um gênero do discurso que relaciona ilustração e texto em padrões narrativos, o quadrinho traz uma unidade conceitual que permite que seja visto de uma só maneira, ainda que seja usado como ferramenta para trabalhos diversos.

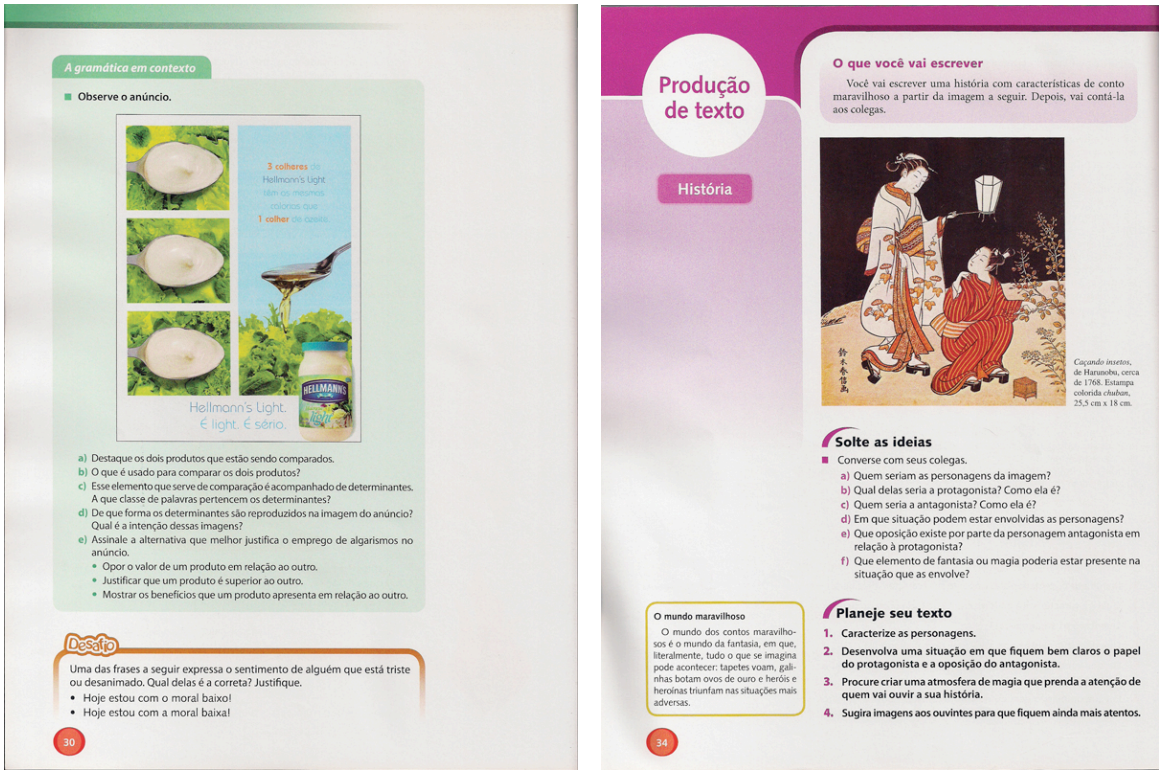


Figura 69: Inserção de anúncio publicitário (esquerda) e trabalho artístico (direita). (Fonte: Projeto Araribá - Português)

O terceiro livro analisado traz um grande número de inserções de quadrinhos em seu conteúdo. Talvez seja o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

gênero discursivo mais explorado nesta publicação. As inserções seguem de modo geral o padrão já visto. Os anúncios publicitários são aplicados integralmente e cartazes ou capas de livros, revistas ou trabalhos artísticos são devidamente creditados. A inserção de gêneros literários também segue o padrão das outras edições no tocante ao protagonismo dado ao eixo textual como elemento principal para favorecer o desenvolvimento de competências (figura 70).

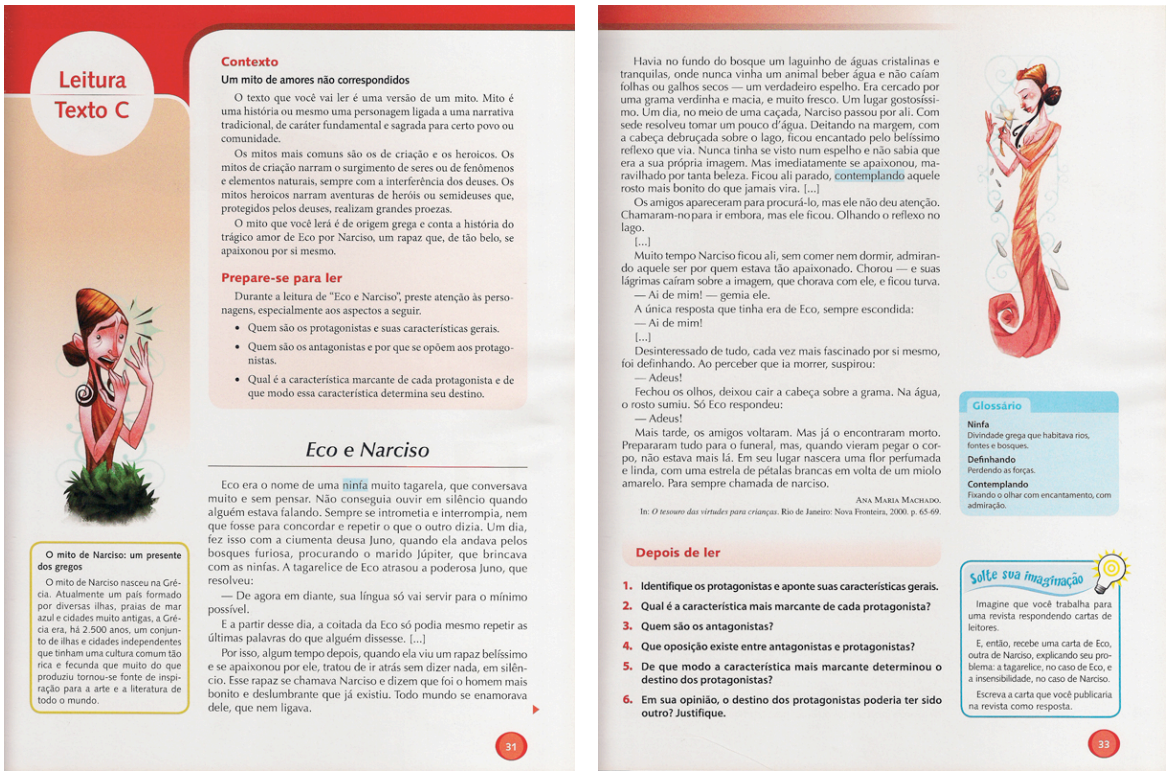
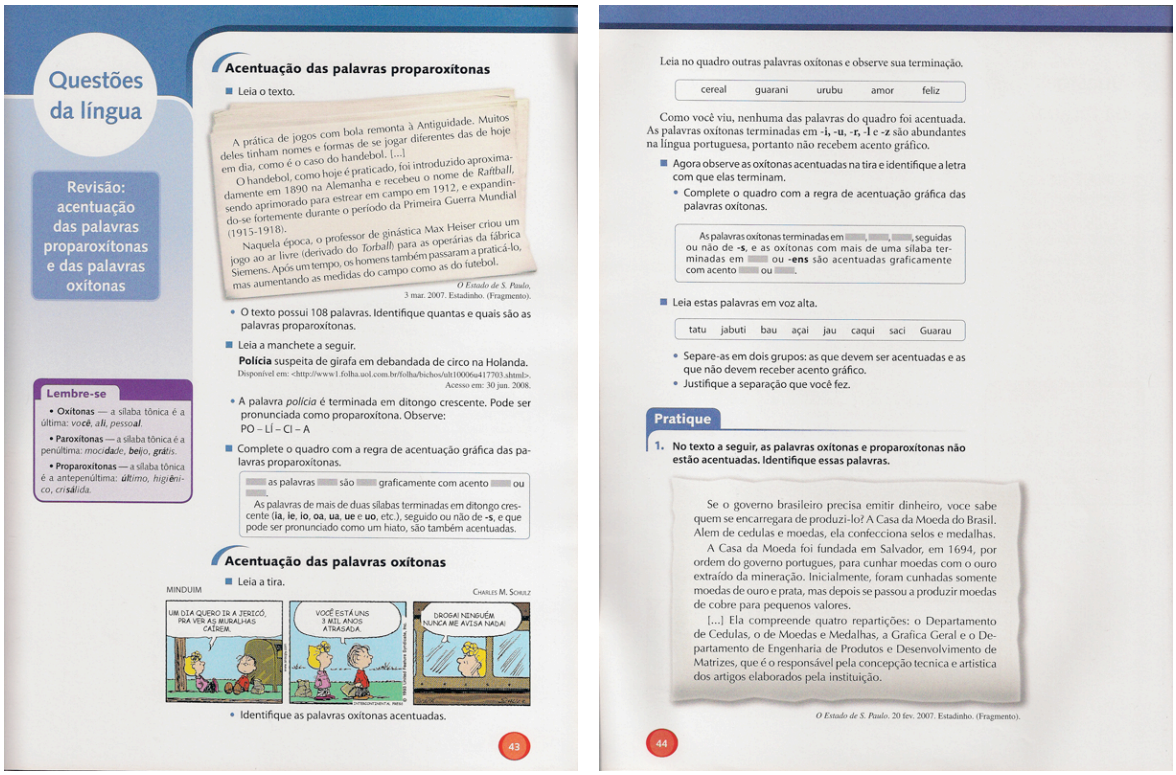


Figura 70: Inserção de fragmento de livro. (Fonte: Projeto Araribá - Português)

O aspecto textual domina a aplicação dos recortes de outros gêneros discursivos presentes nas páginas desta coleção. No entanto, algumas aplicações trazem simulações de certas configurações materiais do suporte original. As inserções de trechos de reportagens jornalísticas (figura 71) trazem as bordas dos quadros remetendo ao papel do suporte original. A configuração estética dos limites do quadro dão a idéia de recorte, deixando claro que tais conteúdos são reproduções de textos presentes em outros lugares e estão ali inseridos, separando as vozes. A eleição de pontos do eixo visual no entanto fica limitado a tais escolhas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA



Questões da língua

Revisão: acentuação das palavras proparoxítonas e das palavras oxítonas

Lembre-se
• Oxítonas — a sílaba tônica é a última: você, alí, pessoal.
• Paroxítonas — a sílaba tônica é a penúltima: mocidade, beijo, grátis.
• Proparoxítonas — a sílaba tônica é a antepenúltima: último, higiênico, crisálida.

Acentuação das palavras proparoxítonas

■ Leia o texto.

A prática de jogos com bola remonta à Antiguidade. Muitos deles tinham nomes e formas de se jogar diferentes das de hoje em dia, como é o caso do handebol. [...]
O handebol, como hoje é praticado, foi introduzido aproximadamente em 1890 na Alemanha e recebeu o nome de *Raffball*, sendo aprimorado para estrear em campo em 1912, e expandindo-se fortemente durante o período da Primeira Guerra Mundial (1915-1918).
Naquela época, o professor de ginástica Max Heiser criou um jogo ao ar livre (derivado do *Torball*) para as operárias da fábrica Siemens. Após um tempo, os homens também passaram a praticá-lo, mas aumentando as medidas do campo como as do futebol.

O Estado de S. Paulo, 3 mar. 2007. Estadinho. (Fragmento).

• O texto possui 108 palavras. Identifique quantas e quais são as palavras proparoxítonas.

■ Leia a manchete a seguir.

Polícia suspeita de girafa em debandada de circo na Holanda.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u417703.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2008.

• A palavra *polícia* é terminada em ditongo crescente. Pode ser pronunciada como proparoxítona. Observe:
PO – LÍ – CI – A

■ Complete o quadro com a regra de acentuação gráfica das palavras proparoxítonas.

___ as palavras ___ são ___ graficamente com acento ___ ou ___.

As palavras de mais de duas sílabas terminadas em ditongo crescente (**ia**, **ie**, **io**, **oa**, **ua**, **ue** e **uo**, etc.), seguido ou não de **-s**, e que pode ser pronunciado como um hiato, são também acentuadas.

Acentuação das palavras oxítonas

■ Leia a tira.

MINDUIM — CHARLES M. SCHULZ

UM DIA QUERO IR A JERICÓ, PRA VER AS MURALHAS CAÍREM.
VOCÊ ESTÁ UNS 3 MIL ANOS ATRASADA.
DROGA! NINGUÉM NUNCA ME AVISA NADA!

• Identifique as palavras oxítonas acentuadas.

43

Leia no quadro outras palavras oxítonas e observe sua terminação.

cereal	guaraní	urubu	amor	feliz

Como você viu, nenhuma das palavras do quadro foi acentuada. As palavras oxítonas terminadas em **-i**, **-u**, **-r**, **-l** e **-z** são abundantes na língua portuguesa, portanto não recebem acento gráfico.

■ Agora observe as oxítonas acentuadas na tira e identifique a letra com que elas terminam.

• Complete o quadro com a regra de acentuação gráfica das palavras oxítonas.

As palavras oxítonas terminadas em ___, ___, ___, seguidas ou não de **-s**, e as oxítonas com mais de uma sílaba terminadas em ___ ou **-ens** são acentuadas graficamente com acento ___ ou ___.

■ Leia estas palavras em voz alta.

tatu	jabuti	bau	açaí	jau	caqui	saci	Guarau

• Separe-as em dois grupos: as que devem ser acentuadas e as que não devem receber acento gráfico.
• Justifique a separação que você fez.

Pratique

1. **No texto a seguir, as palavras oxítonas e proparoxítonas não estão acentuadas. Identifique essas palavras.**

Se o governo brasileiro precisa emitir dinheiro, voce sabe quem se encarregara de produzi-lo? A Casa da Moeda do Brasil. Alem de cedulas e moedas, ela confecciona selos e medalhas.
A Casa da Moeda foi fundada em Salvador, em 1694, por ordem do governo portugues, para cunhar moedas com o ouro extraído da mineração. Inicialmente, foram cunhadas somente moedas de ouro e prata, mas depois se passou a produzir moedas de cobre para pequenos valores.
[...] Ela compreende quatro repartições: o Departamento de Cedulas, o de Moedas e Medalhas, a Grafica Geral e o Departamento de Engenharia de Produtos e Desenvolvimento de Matrizes, que é o responsável pela concepção tecnica e artistica dos artigos elaborados pela instituição.

O Estado de S. Paulo. 20 fev. 2007. Estadinho. (Fragmento).

44

Figura 71: Inserção de fragmentos de reportagens de jornal. (Fonte: Projeto Araribá - Português)

No livro "Projeto Araribá – Português" encontramos um outro uso para a referência a outro suporte. As aberturas das unidades centram-se no trabalho de análise da imagem ali publicada espalhando-se pela dupla de páginas. Tais imagens são fotografias, cartazes ou, como no exemplo da figura 72, cenas de filmes. A condição tratada na imagem é o padrão narrativo que pode ser extraído da leitura da imagem. Os créditos definem ser aquela a fotografia de uma cena do filme "Piratas do Caribe". No caso, pondo a referência ao gênero discursivo dentro dos termos aqui descritos, temos a opção por uma aplicação que usa exclusivamente elementos do eixo visual de um suporte para desenvolver competências relativas a leitura/produção escrita.

As condições que regem as inserções de gêneros discursivos no livro didático de língua portuguesa seguem assim a variação entre dois pontos. Em um extremo a eleição do eixo textual como transportadora das características representativas das condições de produção do texto no gênero respectivo. No extremo oposto, temos o eixo visual, trazendo o elementos estéticos e a configuração gráfica de um gênero como representantes dos pontos necessários à apreensão das condições para a produção de sentidos em um determinado canal.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA



Figura 72: Inserção de cena de filme. (Fonte: Projeto Araribá - Português)

5.6
O Design e os gêneros discursivos

Em sua interferência no mundo o designer atua como construtor de discursos, concatenando diferentes linguagens com diversos fins. Os frutos do trabalho de um designer podem ser uma interface para o acesso a um conteúdo digital, uma linha de camisas, um carro ou, porque não, uma cadeira. Todos parecem ter pouco em comum. Mas essencialmente possuem ao menos duas características que os unem como produtos de Design: são produtos de um processo projetual e trazem consigo valores simbólicos segundo o qual se comunicam com diferentes nichos da sociedade, recebendo novos usos e novas significações.

No processo projetual destacado, o profissional converge diferentes linguagens traduzindo diversas informações para um público determinado. O artefato traz na forma (física ou gráfica) uma instrução de como ser usado e de com que fim ser usado. Porém, em seu contexto social e histórico de uso, ao interagir com uma míriade de outros objetos, ganha novos usos e é ressignificado.

Tal dinâmica encontra paralelo na mutação dos gêneros do discurso. Os objetos, tais como os signos, fazem parte de nossa expressão e de nossa construção de mensagens em diversos modos. Em seus lugares no mundo, como sua casa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

por exemplo, o sujeito toma decisões que fazem com que aquele espaço transpareça valores relativos a ele.

Com a convergência midiática, toda uma nova ecologia simbólica se constitui. A simulação de mundos e contextos virtuais complexos cria novas traduções para o entorno, criando uma representação e novos simbolismos na imersão do usuário na esfera virtual. Séries de TV e programas começam a trabalhar com a fabricação simultânea de conteúdos para celular (episódios diretamente para os aparelhos), internet (blogs que estimulam a participação, aproximação do público com a história dos personagens ou com bastidores da produção) e computadores (jogos interativos que contam histórias de personagens secundários, não estabelecidas no programa principal). Assim, passa-se a concatenar um discurso multimodal ainda mais complexo, pensando na complementaridade das mídias, não na superposição ou adaptação das mesmas narrativas.

Desta forma, a tecnologia possibilita a mescla e criação de novos gêneros, tornando conseqüentemente a produção de discursos cada vez mais complexa. As formas de comunicação instantânea da atualidade vêm possibilitando encontros culturais e uma maior abrangência de público. Sendo assim, os signos produzidos são cada vez mais polissêmicos e afetam o tecido da sociedade de formas diversas.

Nessa perspectiva, consideramos o entendimento da mecânica expressiva proposta por Bakhtin fundamental para a prática do Design. Como um dos produtores de peças que se agregarão à malha comunicativa da sociedade, o designer deve se cercar de uma fundamentação teórica que permita a compreensão da dinâmica da interação social. O fruto de cada projeto será um elemento de discurso a ser articulado pelos grupos ao qual é endereçado. O processo projetual, desenvolvido a partir do mapeamento dos discursos e práticas dos grupos a que se quer atingir, tende a se enriquecer com o entendimento de como os objetos influenciam a cultura.

Os tipos de produtos, como os gêneros discursivos, propõem horizontes de expectativas consigo, baseados nas similitudes com outros. Suas formas e usos devem ser pensados, não só uma forma ou um uso, mas suas possibilidades, de maneira que na sua estrutura o artefato traga as informações que permitam uma interação fluente por parte do público. Entendendo essa dinâmica e agregando-a ao processo, o designer pode não apenas desenvolver uma espécie de produto, mas enxergar as razões que o fazem daquela forma, buscando sempre a evolução do mesmo. Assim, entender o processo de construção de discurso pode trazer elementos do uso da linguagem para guiar uma prática mais consciente e uma melhor avaliação do posicionamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA

do profissional em relação ao seu processo, ao produto gerado e ao contexto em que ele será usado.

Com relação ao livro didático de língua portuguesa, temos duas questões principais. A inserção de amostras de outros suportes se dá por agregar elementos que possibilitam à coletânea mostrar o uso corrente da linguagem em diversos canais, destacando aí as condições que regem uma produção textual específica. Como vimos antes, é esse o motivo pelo qual os Parâmetros Curriculares Nacionais favorecem os gêneros discursivos como objetos de ensino prioritário. O uso desse conceito permite, além de mostrar os usos da linguagem, desenvolver, pela experiência, competências que levem o aluno a desenvolver seus discursos lançando mão conscientemente do ferramental disponibilizado pela língua, escolhendo os canais adequados, as melhores formas e estilos e os termos mais apropriados para atingir um determinado objetivo. A aplicação dos gêneros na edição didática baseia-se na eleição de pontos representativos daquele canal de produção textual: ora o trabalho se centrará apenas em aspectos relativos à linguagem verbal do extrato, sendo utilizado portanto apenas o fragmento textual, ora os diversos modos de comunicação – como as configurações gráficas que criam hierarquia entre os elementos - que influem nas ordens de leitura do texto se fazem presentes. Os agrupamentos aqui destacados são demonstrações dos eixos em torno dos quais são realizadas as inserções de recortes de outros suportes no corpo do livro didático.

Desta maneira, temos a intervenção do Design não apenas nos suportes originais, mas no modo como estes serão representados de modo a desenvolver competências leitoras no público atendido. Ao designer uma vez mais é dado um dos papéis de mediação da leitura, como profissional capaz de integrar diversos modos de comunicação em complexos significativos multimodais. Através da relação de gêneros discursivos com seus aspectos visuais, vemos nos projetos dos livros a importância que os modos de organizar informações têm no modo de produzir sentidos e comunicar-se verbalmente, tanto de forma oral quanto de forma escrita. Lançando um olhar do ponto de vista do Design sobre o tipo de publicação aqui estudo, vemos que o livro didático de língua portuguesa é uma janela que mostra o uso social da linguagem através de múltiplos elementos comunicacionais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812131/CA